



MÃE MARTA DE SANTO

TEXTO: GERSICA MORAES
EDIÇÃO GRÁFICA: LORENA COSTA
FOTOS: NARA BRETAS

Mariana, Minas Gerais. Casa verde, portas e janelas abertas, um homem negro sentado tranquilamente bebendo cerveja e ouvindo sertanejo. “Estou procurando a casa da Mãe Marta, você sabe onde fica?”. Silêncio. Bebeu mais um gole de cerveja, levantou-se e apontou pra dentro: “É aqui mesmo, moça, pode ficar à vontade”.

Marta não estava em casa. Fiquei esperando por quase uma hora em um salão colorido. Na parede, tive tempo de contar 114 corações vermelhos, 14 quadros e 6 bandeiras. No teto, 25 bandeirolas brancas e 27 bandeirolas azuis. No altar, o “Preto Velho”, uma entidade da Umbanda, dividia espaço com Nossa Senhora Aparecida, São Jorge e outros tantos santos que eu não consegui identificar. Eu ainda não sabia, mas já estava no terreiro da “Mãe Maria de Luanda”.

Marta chegou caminhando devagar e fumando um cigarro. A senhora negra, baixinha e de aparência frágil, logo avisou que não teria tempo pra conversar naquele dia. Contentei-

me em sentar mais um pouco e observá-la. Ela montou uma máquina de costura na sala e começou a confeccionar algumas peças para a apresentação de congado que aconteceria dois dias depois em Santo Antônio do Pirapitinga, distrito de Piranga - MG. O congado, aliás, é uma das poucas coisas que consegue tirar a Mãe de Santo de perto do terreiro de Umbanda. Durante os quase 30 minutos que permaneci ali pude escutar Marta reclamando diversas vezes por terem lhe dado tanto trabalho de última hora. Observando atentamente seu olhar, porém, vi claramente o prazer com que fazia aquilo tudo.

Voltei outro dia e parecia haver ali outra mulher. Desta vez a Mãe de Santo estava sorridente, brincalhona, mais disposta a conversar e a contar sua história de cinco décadas. Enquanto fritava “mentirinhas” para o lanche da tarde, uma massa de pastel caseira sem recheio, Marta começou nosso papo exatamente de onde eu queria: de como a Umbanda entrou na sua vida.



A descoberta da mediunidade

Quando ainda era criança, sua mãe, Diva da Silva Nativo, incorporou pela primeira vez a “Mãe Maria de Luanda”, que hoje é a guia do terreiro. Ninguém da família frequentava terreiros de Umbanda ou sequer conhecia a religião. Marta conta que Diva relutou por um bom tempo mas resolveu, enfim, assumir seu dom e abrir o terreiro. Ela lembra que sua mãe foi presa por diversas vezes e o terreiro só conseguiu um pouco mais de sossego quando foi registrado na Federação Espírita Umbandista do Estado de Minas Gerais.

Ainda com 7 anos de idade, em uma brincadeira

despretensiosa com sua irmã mais nova, Marta incorporou seu guia “Pai Miguel” pela primeira vez. Ela conta que sua mãe lhe deu uma grande surra porque achou que a filha estava caçoando do altar. Foi a partir daí que se tornou o braço direito de sua mãe e, desde então, já não era segredo pra ninguém que um dia ela assumiria o comando do terreiro.

Na adolescência, confessa aos risos, era muito namorada e nunca admitiu intolerância religiosa: “A primeira coisa que eu perguntava era se eles tinham preconceito com religião.”, lembra. Aos 20 anos, casou-se com Getúlio – aquele mesmo homem sentado à porta de casa tomando cerveja. Marta garan-

te que seu marido, apesar de não incorporar entidades, também é médium e possui uma sensibilidade muito apurada. Além disso, conta que ele a ajuda muito com o terreiro.

O casal, que fez questão de se casar na Igreja Católica, teve dois filhos: Renata, de 29 anos e Marcelo, de 19. Marcelo nasceu na época em que Marta esteve brigada com a mãe. “A gente brigava demais e minha mãe pediu que eu me afastasse dela. Eu comecei a trabalhar fora, mas em todas as sessões e finais de semana estava aqui ajudando. Eu era teimosa!”, relata, bem-humorada. Sobre o período de gestação do filho, diz que sentiu muito desejo de en-

trar no rio e que seu marido sonhava com peixes todas as noites. Diferente de quando estava grávida de Renata, quando nada de inusitado ocorreu. Talvez isso tenha sido um sinal: Marcelo, que sempre ajuda a mãe nas sessões, se prepara para ser seu sucessor no terreiro.

Com a morte de Diva, há 5 anos, Marta diz não ter pensado duas vezes ao aceitar assumir o terreiro. A Mãe de Santo garante que o espiritismo - ela sempre se refere assim - tem uma doutrina muito solidária e que não há nada melhor pra ela do que fazer o bem aos outros. É esse o motivo que ela aponta para seguir em frente convivendo com o preconceito e as dificuldades.

A sessão

É praticamente impossível falar sobre a vida de Marta sem citar a Umbanda. É durante as sessões que aquela mulher frágil e cansada surpreende pela força da espiritualidade.

No ritual que assisti estavam todos alvoroçados. Marcelo havia recebido ameaças de agressão na rua. Não compreendi ao certo o que havia acontecido, só sabia que tinha algo, ou tudo, a ver com intolerância religiosa. Quando o assunto é preconceito, Marta é categórica: “Me chamam de macumbeira, feiticeira... Não ligo pra nada disso! Só não admito que mexam com meus netos e meus filhos!”. Nesta mesma tarde, ela foi tirar satisfação com o rapaz que ameaçou seu filho.

A Mãe de Santo estava abatida e nervosa por causa do que aconteceu. Ela observava cuidadosamente o terreiro, que ganhara uma nova decoração. As bandeirolas eram vermelhas e amarelas, em homenagem ao santo do dia: Santo Antônio. Marta, sistemática com a doutrina da Umbanda, se irritou diversas vezes com a desorganização e a demora dos médiuns pra começar a sessão. “Vocês estão muito moles hoje, nossa Senhora!”, reclamou. Enquanto observava o terreiro, seus netos entraram no salão gritando, brincando e rolando pelo chão. Ela respirou fundo, pegou uma vara que estava apoiada em um canto e, com cara de poucos amigos, mandou todos pra fora.

Como era um dia festivo, o congado fez uma espécie de procissão descendo a rua tocando, dançando e entoando hinos. Marta, já vestida com suas roupas brancas, recebeu todos na porta, pegou a imagem de Santo Antônio e balbuciou orações enquanto levantava a imagem em direção às pessoas.

Logo após a abertura da sessão já havia pessoas no chão conversando com voz de criança. Marta, com uma gamela cheia de balas, deixou escapar, pela primeira vez naquele dia, um leve sorriso no canto da boca. Eram os “meninos de Angola” incorporados pelos médiuns. Na Umbanda, as crianças simbolizam a alegria, a descontração e a sinceridade. Eles fizeram brincadeiras, pediram doces e pareceram muito carinhosos.

Naquele dia, Marta avisou que não participaria da sessão pois estava gripada e cansada. Logo após a conversa com os meninos de Angola, ela se despediu e foi para a cozinha.

Marcelo assumiu o terreiro e incorporou seu guia “Pai Tomé”. Bastaram cinco minutos pra que a Mãe de Santo voltasse chorando e sendo praticamente carregada no colo. Ouvi alguém comentando “A guia do terreiro quer descer”. Mãe Marta incorporou “Mãe Maria de Luanda”.

Sua expressão, que antes era de dor deu lugar à serenidade. Agora Marta falava uma língua incompreensível, provavelmente um dialeto Angolano. A situação era bastante complexa para quem não conhece a Umbanda, afinal, ali estava apenas seu corpo cedendo lugar para uma entidade. Aquele olhar, aquela voz, aquelas palavras: eram ali Marta e “Mãe Maria de Luanda”.

Segundo ela, a melhor “definição” para a Umbanda é o mistério. Para compreender sua doutrina não é preciso ler livros, mas sim desenvolver a mediunidade. Mesmo tendo convivido com sua mãe, Marta diz que foi incorporando entidades que aprendeu quase tudo o que sabe.

Sua espiritualidade desenvolvida não consegue impedir que seu corpo se canse. Ela garante que o cigarro, que lhe rendeu um aneurisma em

2002, é o grande responsável pela sua fraqueza. “Tenho só 50 anos mas envelheci depressa porque fumo demais!”, brincou. Além disso, receber entidades e lidar com espíritos não é uma tarefa fácil. A cada consulta, a Mãe de Santo se sente mais abatida e cansada. Seu filho Marcelo a ajuda sempre que pode, mas a tarefa de chefiar o terreiro ainda é dela. Marta diz, sem o menor medo, que sua morte está próxima e que seu filho, Marcelo, terá toda a liberdade do mundo para decidir se dará continuidade ao terreiro. Parece ser essa a intenção. ©

